ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF JORGE IGOR DE SALES CALMON

CONFLITOS NÃO LINEARES NO SÉCULO XXI E A EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR TERRESTRE

Rio de Janeiro
2019

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf JORGE IGOR DE SALES CALMON

CONFLITOS NÃO LINEARES NO SÉCULO XXI E A EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR TERRESTRE

Artigo científico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Aperfeiçoamento em Operações Militares

Rio de Janeiro
2019

MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEx - DESMil
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Inf JORGE IGOR DE SALES CALMON**

Título: **CONFLITOS NÃO LINEARES NO SÉCULO XXI E A EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR TERRESTRE.**

Artigo científico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do grau de Aperfeiçoamento em Operações Militares.

APROVADO EM _____/_____/_____CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
_____ **JOBEL SANSEVERINO JUNIOR - Maj** Cmt Curso e Presidente da Comissão	
_____ **EDVALDO NUNES NASCIMENTO JÚNIOR - Maj** 1º Membro	
_____ **GEDILSON SILVA DA SILVA - Cap** 2º Membro e Orientador	

_____
JORGE IGOR DE SALES CALMON – Cap
Aluno

CONFLITOS NÃO LINEARES NO SÉCULO XXI E A EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR TERRESTRE

JORGE IGOR DE SALES CALMON
GEDILSON SILVA DA SILVA

RESUMO
O presente estudo trata dos conflitos armados da atualidade, detendo-se aos que caracterizam-se por serem conflitos de 4ª Geração ou não lineares, particularmente aqueles em que confrontaram-se atores estatais e não estatais. O objetivo geral é demonstrar a evolução dos conflitos armados, apresentando o cenário atual da guerra moderna e abordar seus efeitos para o Exército Brasileiro no aprimoramento de sua doutrina. O presente trabalho baseou-se no conhecimento de autores notórios que dedicam-se aos estudos sobre a evolução dos conflitos armados bem como aqueles que possuem publicações e análises relativas à guerra na era da informação, além de manuais da Força Terrestre. Ademais, foi realizada uma pesquisa de campo por meio de um questionário que possibilitou realizar um levantamento do conhecimento dos Capitães aperfeiçoados do Exército Brasileiro acerca das características dos conflitos na Era da informação e das formas que a Força Terrestre tem implementando seu preparo e emprego para atuação neste cenário. Como forma de corroborar o trabalho foram realizadas três entrevistas com militares que possuem conhecimento relevante sobre o assunto. Por fim, pode-se concluir que a atual doutrina baseada em capacidades, interoperabilidade e complementaridade, permite ao Exército Brasileiro enfrentar as ameaças híbridas que cercam nossa Nação. No entanto, não é possível fazê-lo isolado, sendo necessário esforço de outras instituições para que nossas ações sejam realmente eficazes.

Palavras-chave: Guerra de 4ª Geração. Atores não-estatais. Era da informação. Capacidades da Força Terrestre. Operações no amplo espectro dos conflitos.

ABSTRACT
The present study deals with armed conflicts of the present day, with those who are characterized as being conflicts of 4th Generation or non-linear, particularly those in which state and non-state actors were confronted. The overall objective is to demonstrate the evolution of armed conflicts by presenting the current scenario of modern warfare and addressing its effects on the Brazilian Army in improving its doctrine. The present work was based on the knowledge of notorious authors dedicated to the studies on the evolution of armed conflicts as well as those that have publications and analyzes related to the war in the information age, besides manuals of the Earth Force. In addition, a field survey was carried out through a questionnaire that made it possible to carry out a survey of the Army Captains' knowledge about the characteristics of the conflicts in the Information Age and the ways that the Land Force has implemented its preparation and employment for action in this scenario. As a way of corroborating the work, three interviews were conducted with military personnel who have relevant knowledge on the subject. Finally, it can be concluded that the current doctrine based on capabilities, interoperability and complementarity, allows the Brazilian Army to face the hybrid threats that surround our Nation. However, it is not possible to do it in isolation, and other institutions are required to make our actions truly effective.

Keywords: 4th Generation War. Non-state actors. Information age. Earth Force Capabilities. Operations in the full spectrum of conflicts.

1 INTRODUÇÃO

Desde o fim da 2ª Guerra Mundial, a maioria dos conflitos armados têm caracterizado-se de natureza assimétrica, ou seja, os beligerantes apresentavam grandes diferenças, tais como: nível de organização, objetivos, recursos financeiros, recursos militares, obediência a regras, dentre outros. A utilização de técnicas de guerra irregular é antiga, há estudiosos que afirmam que já eram utilizadas no século XVII. Como exemplo remoto, podem ser citadas a campanha brasileira na expulsão dos invasores holandeses e a guerra de independência dos Estados Unidos da América. A primeira, ocorrida em meados do século XVII, empregou táticas indígenas de combate por meio das "Companhias de emboscada", que eram pequenos grupos de dez a quarenta homens, com alta mobilidade, que atacavam de surpresa os invasores e retiravam-se em velocidade, conseguindo acuar os holandeses e expulsá-los. A segunda, ocorrida a partir da segunda metade da década de 1770, alcançou êxito com uma força composta por camponeses, profissionais liberais e comerciantes, que derrotou o Exército Britânico, referência de força militar da época, experiente e muito mais forte, com emprego de táticas não convencionais.

O presente estudo trata dos conflitos armados da atualidade, detendo-se aos que caracterizam-se por serem conflitos de 4ª Geração, ou não lineares, com ênfase naqueles em que confrontaram-se atores estatais e não estatais. Nesse aspecto, será abordado o conceito das ameaças não estatais, organizações fluidas e difusas, internas ou externas, cuja principal forma de atuação baseia-se em técnicas, táticas e procedimentos da guerra irregular e dos conflitos não lineares.

Nesse sentido, a colaboração de Visacro (2018) em sua obra "A guerra na era da informação" traz a reflexão sobre a evolução em paralelo da humanidade, quando esta deixa a era industrial para ingressar na era da informação, buscando entender como essas mudanças afetam a natureza dos conflitos armados e contribuem para a redefinição do atual ambiente estratégico. O autor, demonstra que atualmente as guerras apresentam uma enorme multiplicidade de atores e motivações que dão forma a ambientes extremamente complexos, não se limitando apenas à rivalidade entre Estados nacionais antagônicos, que recorrem a suas

forças armadas por razões estritamente políticas, como aconteceu, por exemplo, durante as duas Guerras Mundiais, basta observar os conflitos em curso ao redor do mundo. Segundo ele, os Estados criados a partir do tratado de Westfália, assinado em outubro de 1648, enfrentam novos desafios em um mundo globalizado, caracterizado por intensas relações de interdependência e interconectividade, que acabam por ignorar as fronteiras políticas. O Estado deixou de ser o único ator relevante na ordem internacional. Ademais, se defronta com limites cada vez mais severos para o exercício pleno e absoluto do seu próprio poder no plano doméstico. Como entes políticos, eles ainda competem acirradamente entre si. Todavia, têm diversificado as formas de enfrentamento e procurado reduzir a visibilidade das ações estratégicas, em face de uma opinião pública, cada vez mais, intolerante e impaciente, e menos disposta a arcar com os custos de uma guerra total. Ao uso de outros meios que não somente as alternativas militares tradicionais, soma-se o predomínio de uma forma de violência que se caracteriza por ser, a um só tempo: armada, organizada, não estatal, endêmica e hiper-difusa.

Tendo suscitado tais informações, o estudo verificará como este cenário tem influenciado o Exército Brasileiro no aprimoramento de sua doutrina.

1.1 PROBLEMA

O problema de pesquisa central pode ser expresso na seguinte pergunta:

Em face da evolução dos conflitos conteporâneos que inevitavelmente ocorrem na atualidade, cada vez mais descaracterizados e constituídos de atores não estatais, estaria o Brasil, inserido nesta realidade? E, acima de tudo, preparado para enfrentá-la?

Além do problema de pesquisa central, outra questão relevante que também será alvo desta pesquisa, conforme descrito abaixo: Como a Força Terrestre tem se organizado, no seu preparo e emprego, para fazer frente às possíveis ameaças conteporâneas?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

A pesquisa tem como objetivo geral demonstrar a evolução dos conflitos armados, apresentando o cenário atual da guerra moderna, abordando seus efeitos para o Exército Brasileiro no aprimoramento de sua doutrina.

1.2.2 Objetivos específicos

a. Apresentar a evolução da arte da guerra a partir do século XVII identificando as quatro gerações da guerra moderna;

b. Descrever as principais características dos conflitos não lineares e seus objetivos;

c. Apresentar os principais enfrentamentos do século XXI, muitas vezes não declarados, abordando principalmente os conflitos não lineares;

d. Citar os fundamentos, concepções e conceitos atuais da Doutrina Militar Terrestre que orientam a Força para o desenvolvimento das capacidades e competências necessárias ao seu emprego no cenário atual.

1.3 JUSTIFICATIVA

a. A pesquisa se justifica devido aos sucessivos empregos das Forças Armadas, particularmente o Exército Brasileiro, em situações de não-guerra;

b. O Brasil tem apresentado um cenário político, econômico e social conturbado, ambiente adequado para surgimento ou crescimento de ameaças que podem comprometer a segurança nacional;

c. A discussão acerca do assunto possibilita a constatação que as forças militares não são os únicos fatores decisivos na resolução dos conflitos na era da informação;

d. A pesquisa enfatizará os fundamentos, concepções e conceitos atuais da Doutrina Militar Terrestre que orientam a força para o desenvolvimento das capacidades e competências necessárias ao seu emprego no cenário atual;

e. O estudo continuado deste assunto é de acentuada relevância para as Forças Armadas tendo em vista o caráter de mudança constante que os conflitos armados possuem.

2 METODOLOGIA

O trabalho foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica, a partir de materiais publicados em livros, artigos e dissertações relacionados ao tema.

Também elegeu-se a pesquisa descritiva, onde buscou-se representar os acontecimentos atuais relacionados ao assunto, expondo suas características e particularidades, relacionando-os ao conteúdo que foi levantado na pesquisa bibliográfica.

2.1 REVISÃO DA LITERATURA

2.1.1 Ambientação

Como forma de ambientação e para melhor compreensão do tema, neste capítulo serão descritos alguns conceitos, o que facilitará o entendimento do leitor e apresentará um levantamento literário do que há de atual sobre o assunto, possibilitando a identificação da relevância do assunto.

a. Guerra: segundo Carl Von Clausewitz a guerra pode ser imaginada como dois lutadores, cada um deles tentando, através da força física, obrigar o outro a fazer a sua vontade. A sua definição de guerra é visionária pois foi além do conflito em si, simples ato de força para obrigar o inimigo a fazer a sua vontade, acrescenta que a guerra nada mais é do que a continuação da política por outros meios.

b. Guerra irregular: normalmente concebida como “o conflito armado, no qual as partes não constituem grandes unidades, mas pequenos e muito pequenos grupos de ação, e cujo desfecho não é decidido em poucas e grandes batalhas; ao contrário, a decisão é buscada e afinal concretizada através de um número muito grande de pequenas operações individuais, roubos, atos de terrorismo e sabotagem, bombardeios e incursões” (HEYDTE, 1990, p. 37). É uma guerra protagonizada por organizações que utilizam uma abordagem indireta, evitando confrontações diretas com o adversário, sendo o seu objetivo desgastar o inimigo, ou “em termos práticos, a guerra irregular é todo o conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional. Ou seja, é a guerra travada por uma força não regular” (VISACRO, 2009, p. 13).

c. Guerra na era industrial: é identificada pelo confronto entre Nações, baseado e causado geralmente pelo conflito de interesses políticos, econômicos e sociais, sendo o conflito armado meramente uma ferramenta do Estado-nação para

conquista de seus anseios. Nesse contexto, a escalada do conflito obedecia uma sequência linear, primeiramente com a pressão política, seguida de embargo econômico, mobilização da estrutura militar de guerra e o embate propriamente dito. Predominava a utilização do combate convencional, sua dinâmica se baseava na simetria do poder de combate entre as partes beligerantes e o principal, a solução do conflito era encerrada com a vitória de um dos lados no campo militar.

d. Guerra na era do conhecimento: também chamada por alguns autores de guerra na era da informação, é caracterizada pelo elevado grau de complexidade do cenário onde se desenrolam as operações militares. Isso se deve principalmente a crescente urbanização, a popularização do acesso aos meios de tecnologia da informação e a ampliação da capacidade de atuação e difusão da mídia. No espaço de batalha moderno há a presença de diversos atores, muitas vezes com estratégias conflitantes. O Estado no conflito na era do conhecimento encontra, normalmente, um oponente difuso, indefinido, variando em capacidades e poder de combate, com acesso a equipamentos e tecnologias antes restritos a forças militares estatais. Outro agravante é que estes oponentes aproveitam-se das áreas urbanizadas para se misturarem à população civil, dificultando sua identificação, tornando as operações militares ainda mais difíceis. Aliado a isso, há a incontestável presença da mídia, influenciando de forma prevalente a opinião pública e as decisões políticas.

e. Evolução das guerras: O modo de combater sofreu diversas transformações ao longo do tempo. Embora os conflitos atuais possuam certa semelhança com anteriores, há sempre uma norma geral que os rege. Alguns pensadores militares concordam que a evolução dos conflitos armados pode ser separada em gerações, cada uma com as suas características especificas, sedo elas:

Guerras de 1ª Geração: ocorreram aproximadamente de 1648 a 1860. As guerras eram formais e o campo de batalha ordenado. Esse ordenamento do campo de batalha fez com que fosse criada a cultura militar, com características específicas, tais como: uniformes, continências, graus hierárquicos, ordem unida, formaturas, entre outros. Era uma guerra de linha e coluna, e o princípio de guerra mais característico era o da massa.

Guerras de 2ª Geração: ocorridas entre o fim do século XIX e a 1ª Guerra Mundial são caracterizadas pelo emprego em larga escala dos Fogos. Devido ao desenvolvimento dos armamentos tornou-se estática, baseada em linhas defensivas fortes. Isso levou ao desenvolvimento de armas e equipamentos que superassem esse impasse no campo de batalha, sendo os principais o carro de combate (blindado) e a aviação, que levaram os conflitos para a próxima geração.

Guerras de 3ª Geração: era baseada na combinação da manobra, velocidade e surpresa. O ataque passou a não só buscar o inimigo frontalmente, mas também tinha o intuito de chegar a retaguarda do inimigo, eliminando sua logística. Esta forma de combater foi desenvolvida pelos alemães após a derrota na 1ª Guerra Mundial e ficou conhecida como *blitzkrieg* (guerra relâmpago), subjugando os países europeus de 1939 a 1942.

Guerras de 4ª Geração: apresentam como principal aspecto a presença de atores não-estatais duelando contra Estados sólidos, na tentativa de alcançar seus anseios por meio de decisões políticas ao seu favor. Para isso, retiraram vantagens das mudanças políticas, sociais, econômicas e tecnológicas ocorridas desde o fim da Segunda Guerra Mundial até à atualidade. A simples vitória no espectro militar não impede que o oponente atinja seus objetivos.

A seguir, para facilitar o entendimento e ilustrar as informações apresentadas, segue um quadro resumo comparativo das características principais das quatro gerações da guerra moderna.

Fatores de comparação	Guerra moderna e conteporânea			
	1ª Geração	2ª Geração	3ª Geração	4ª Geração
Contexto histórico	Pré-industrial	Industrial		Pós-industrial
Protagonistas	Atores estatais			Atores estatais e não estatais
Objetivo da batalha	Subjugar o exército oponente	Destruir as forças militares do inimigo	Provocar o colapso das forças inimigas da retaguarda para frente	Auferir resultados psicológicos e afetar a opinião pública
Expressão preponderante	Campo militar			Campo psicossocial

Indicadores mensuráveis da vitória	Estandartes, trens e bocas de fogo aprisionadas	Terreno conquistado e "contagem dos corpos" (body count)	Quilômetros percorridos por dia dentro do território inimigo	Espaço na mídia e aceitação popular
Exemplos	Guerras napoleônicas	1ª Guerra Mundial Campanhas aliadas na 2ª Guerra Mundial	*Blitzkrieg* alemã na 2ª Guerra Mundial Campanha israelense em 1956, 1967 e 1973	Atentados da Al-Qaeda aos EUA em 2001 Combate entre Israel e Hezbollah em 2006

Tabela 1 – Quadro comparativo entre as quatro gerações da Guerra Moderna e conteporânea (Adaptado de Visacro, 2018).

2.1.2 Caracterização

A partir de agora, aprofundaremos nosso estudo nas guerras ou conflitos de 4ª Geração.

Para entender a Guerra de 4ª Geração precisamos elencar os principais fatores que levaram os conflitos a essa configuração atual. A evolução tecnológica é um fator a ser considerado como importante, pois a partir dela outros vetores influenciaram a evolução do combate para que chegasse à conformação corrente. A partir do desenvolvimento tecnológico, os atores não-estatais passaram a ter acesso à ferramentas antes exclusivas das forças militares estatais, minimizando as diferenças do poder relativo de combate entre os beligerantes. Em conjunto com a globalização, o surgimento de Tecnologias da Informação e Comunicações (TIC) avanças facilitou a comunicação global, tornando a mídia instantânea, capaz de estar presente no campo de batalha e transmitir informações que atingem milhões de pessoas em todo o mundo. Essa capacidade de informação tornou-a um requisito crítico para a conquista de legitimidade e obtenção da narrativa dominante, haja vista que a mídia é a principal responsável pela formação da opinião pública, peça fundamental na tomada das decisões políticas.

Aliado a isto, o processo de urbanização ocorrido no globo, iniciado na Revolução Industrial, no fim do século XVIII, seguido pelo grande movimento na segunda metade do século XX, tornou os centros urbanos locais densamente

povoados. Este processo não ocorreu simultaneamente tampouco teve consequências iguais para todos os países. Naqueles em desenvolvimento e de industrialização tardia, aconteceu de forma acelerada e desorganizada, favorecendo a proliferação de problemas nocivos, como a favelização, poluição, ausência de saneamento básico, pobreza, desemprego, violência e muitos outros. Neste ambiente, propício a insatisfação dos menos favorecidos, cresce a probabilidade de surgimento de facções criminosas e grupos radicais, que recrutarão jovens vulneráveis para suas fileiras para lutar contra o Estado "falido", que não consegue subsidiar sua população.

O pretenso monopólio do Estado sobre a aplicação da força coercitiva é extinto, levando a uma fragmentação das ameaças com o surgimento de organizações não estatais armadas, forças irregulares, crime organizado, e outras ameaças não estatais, que podem combinar técnicas típicas do combate convencional e da guerra irregular. Paralelo aos estados nacionais, surgem como protagonistas dos conflitos não-lineares, buscando atingir seus objetivos explorando esta nova ordem mundial em seu favor. Estas ameaças podem empregar as tecnologias diponíveis como multiplicadores de forças, incluindo artilharia de saturação por foguetes, de curto e médio alcance, aeronaves remotamente pilotadas, dispositivos explosivos improvisados de grande poder de destruição, carros de combate, mísseis anticarro e anti aéreos dotados de sistemas de pontaria de última geração. Estes equipamentos, antes exclusivos de forças militares estatais, reduzem consideravelmente a diferença de poder de combate, o que ainda pode ser agravado quando são financiadas por países com interesses escusos ou grandes organizações com alto poder financeiro.

Uma condição predominante no *modus operandi* destas ameaças é o aproveitamento dos grandes centros urbanos para homizio, áreas urbanas densamente edificadas lhes proporcionam significativas vantagens, porque restringem as capacitações do oponente com o maior poder de combate além de permitir-lhes misturar-se em meio à população civil, tornando-se quase imperceptíveis, o que aumenta o risco de efeitos colaterais, que sem dúvida serão explorados. Esta exploração de efeitos colaterais é um exemplo de como estas ameaças podem atuar fora do campo de batalha, na guerra da informação, uma poderosa ferramenta para influenciar,

interromper ou afetar a capacidade dos estados de tomar e compartilhar suas decisões.

Este ambiente difuso e caracterizado de incertezas, aumenta sobremaneira a complexidade das operações militares, exigindo uma transformação na forma de atuar das forças legítimas, coerente com o campo de batalha do século XXI, visando mitigar estes fatores dificultadores, sem perder a essência de vetor militar como instrumento de defesa dos interesses nacionais vitais.

> O War College - instituição de ensino superior do Exército norte-americano - cunhou a expressão "volátil, incerto, complexo e ambíguo com o propósito de descrever o atual ambiente de conflito. De fato, os cenários que dão forma às áreas conflagradas ao redor do planeta têm se destacado por sua complexidade, não linearidade, instabilidade, imprevisibilidade, heterogeneidade, mutabilidade e dinamismo. Contudo, a fim de delinear objetivamente o conjunto de circunstâncias que condicionam o uso do instrumento militar, podemos citar como principais características do campo e batalha do século XXI:
>
> - níveis variáveis de intensidade de conflito;
> - ameaças provenientes de atores estatais e não estatais;
> - população civil com postura ambivalente (favorável, neutra e hostil);
> - indiossincrasias culturais (complexidade do "terreno humano");
> - onipresença da mídia;
> - assédio de organismos de defesa dos direitos humanos;
> - atuação de organizações não governamentais;
> - restrições legais;
> - limites impostos pela opinião pública;
> - velocidade e fluidez da informação;
> - disponibilidade de moderna tecnologia (capacidades das forças militares ampliadas);
> - grande volume de dados (propensão à sobrecarga de informação); e
> - disseminação da informação em escala global (VISACRO, 2018, p. 158).

2.1.3 Exemplificação

Os conflitos no século XXI tiveram seu marco com o atentado terrorista desferido pela Al-Qaeda aos Estados Unidos da América, em 11 de setembro de 2001. Além lançar dois aviões nas torres gêmeas do World Trade Center em Nova Iork, símbolo do poder econômico e do capitalismo Norte-Americano, ainda houve um avião no prédio do Pentágono em Washington, e um quarto avião que caiu no Estado da Virgínia, sem alcançar seu alvo selecionado, que provavelmente era a Casa Branca. Essa série de ataques desferidos a alguns dos principais símbolos dos EUA, com o agravante de ter sido transmitido ao vivo para todo o mundo,

provocou uma reação ofensiva, dando início a um período de conflitos conhecido como guerra ao terror.

A seguir, apresentaremos alguns exemplos de conflitos ocorridos no século XXI que ilustram o conceito de Guerra de 4ª Geração:

a. Guerra do Afeganistão: os EUA iniciaram sua reação aos atentados de 11 de setembro atacando os centros de treinamento da Al-Qaeda, chefiada pelo saudita Osama Bin Laden. Na época, a Al-Qaeda estava sediada no Afeganistão e recebia apoio do Talibã, um grupo fundamentalista islâmico atuante neste país e no Paquistão. A invasão do Afeganistão, em 7 de outubro de 2001, inicialmente teve êxito, removeu o Talibã do poder sem no entanto capturar os membros do alto escalão do grupo e da Al-Qaeda. Apesar desta neutralização inicial, quando a guerra no Afeganistão deixou de ser foco prioritário de atenção de Washington em 2003, com a invasão do Iraque, os talibãs se reorganizaram e apesar de ampla desvantagem numérica e tecnológica, os insurgentes obtiveram bons resultados com táticas de guerrilha no interior e ataques suicidas nas zonas urbanas. A complexidade do conflito pode ser percebido com o aumento de efetivo de soldados norte-americanos enviados com o tempo. Em novembro de 2002 eram 10.000, em meados de 2008 eram 48.500, e em 2011 havia cerca de 100.000 militares no país com o objetivo de conter os talibãs e fortalecer as instituições afegãs. Com a chegada de Barack Obama ao poder em 2009, o conflito já apresentava números significativos com oito anos de embate. Estudos apontam para a morte de pelo menos 40 mil civis e mais de 3 milhões de refugiados nesta época. Neste cenário, as baixas americanas no conflito e os altos gastos passaram a ser explorados levando o presidente a decidir iniciar o processo de reversão de tropas, contrariando a liderança das Forças Armadas. Donald Trump ganhou as eleições afirmando retirar integralmente as tropas dos EUA do Afeganistão porém, ao assumir o cargo em 2017, foi convencido pelo Pentágono que poderia produzir um ‘novo Iraque’, onde a retirada das tropas em 2011 proporcionou condições para a ascensão de grupos terroristas como o Daesh, outrora chamado de Estado Islâmico. Atualmente o conflito no Afeganistão está longe de ser solucionado, o governo local insiste para que os norte-americanos permaneçam no País pois temem não conseguir fazer frente às ameaças presentes, o Daesh e o Talibã.

b. 2ª Guerra do Líbano: conflito entre o Líbano e Israel, teve como estopim o ataque de forças do Hezbollah ao território de Israel, desferindo um bombardeio no dia 12 de julho de 2006 atingindo dois jipes blindados israelenses que patrulhavam a fronteira. Dos sete soldados embarcados três foram mortos, dois ficaram feridos e dois foram seqüestrados. Israel reagiu no dia seguinte desencadeando uma série de bombardeios ao Líbano, eliminado uma variedade de alvos militares, porém deparou-se com uma ameaça altamente imprevisível, equipada com armamento típico de exércitos convencionais, incluindo mísseis anticarro, RPG11, foguetes, morteiros, minas, IED12 e MANPADS13, misturava técnicas de combate regular com as táticas de guerrilha, guerra psicológica, terrorismo e atividades criminosas. O Hezbollah tinha consciência que não poderia fazer frente à força militar de Israel, cada ataque e perda que sofria retaliava com concentrações e barragens de artilharia em território Israelense, despertando o terror na população, buscando assim minar o posicionamento do governo inimigo. Neste conflito, o Hezbollah demonstrou uma característica marcante das ameaças presentes nas Guerras de 4ª Geração, falta de moral e ética ao desobedecer o Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA). Atacavam civis israelitas e utilizavam a população libanesa como escudo contra os bombardeios de Israel com o intuito de que as baixas causadas fossem exploradas pelos meios de comunicação em todo o mundo, impactando negativamente e tirando a legitimidade do país judeu. Paralelo a isso, o Hezbollah tinha sucesso em suas ações ao desferir baixas ao combatentes e não-combatentes israelenses, provocando questionamento da sua população. Fica claro que a tática do grupo terrorista era alcançar a vitória no campo psicológico, buscando afetar a decisão política do oponente e a opinião pública internacional. O conflito teve seu fim com a Resolução 1701 do Conselho de Segurança da ONU, que determinava o fim das hostilidades, a retirada das tropas israelenses do território libanês e o desarmamento do Hezbollah. Não houve vencedor, apesar do lado libanês ter saído com perdas muito superiores a Israel, o grupo terrorista demonstrou a capacidade que uma força híbrida tem de fazer frente a um adversário militarmente superior, explorando o combate em outros campos além do militar.

c. Estado Islâmico: A origem do Estado Islâmico deve ser explicada a partir da invasão dos Estados Unidos ao Iraque em março de 2003. Os antecedentes a esta invasão podem ser elucidativos. Primeiramente os EUA, desde o fim da Guerra do Golfo, em fevereiro de 1991, não se relacionava bem com o Iraque governado por Saddam Hussein, que mesmo enfraquecido após a guerra, mantinha um programa de armas químicas e biológicas. Isso levou os EUA e seus aliados a estabelecerem uma política de sanções econômicas contra o Iraque durante toda a década de 90, esporadicamente com bombardeios às defesas antiaéreas de Saddam para impor as zonas de exclusão aéreas e em áreas ligadas ao programa de desenvolvimento de armas de destruição em massa. Neste cenário, George W. Bush foi eleito para o cargo de presidente dos Estados Unidos em 2000, já prometendo em sua campanha, uma postura mais dura contra o Iraque. Após os atentados do 11 de setembro de 2001, a inteligência Norte-Americana afirmava haver ligação entre a *Mukhabarat* (serviço secreto iraquiano) e a Al-Qaeda. Apesar dessa informação ser controversa, desacreditada por alguns integrantes do governo, o Iraque foi invadido. A declaração de "missão cumprida" por parte do presidente Bush, em 1ª de maio de 2003, após a tomada da capital do Iraque, e o eventual colapso do regime de Saddam, não trouxe paz imediata, como era de se esperar. O vácuo foi acompanhado de desordem e violência que rapidamente se espalharam pelo país, protagonizadas principalmente pela rivalidade entre sunitas e xiitas, mergulhando o país numa inevitável guerra civil. Este ambiente complexo atraiu militantes islamitas estrangeiros com o propósito de lutar contra as tropas de ocupação ocidental e contra o novo governo apoiado por elas. Grupos como a Al-Qaeda se fortaleceram na região e utilizaram o Iraque para expandir suas atividades. Com o aumento das atividades destas ameaças, de 2004 a 2007, o conflito enveredou para um combate contra guerrilha. Devido a isto muitos aliados acabaram abandonando o Teatro de Operações (TO), retirando suas tropas, fazendo com que os EUA aumentassem consideravelmente sua presença militar no país a partir de 2007. Essa intensificação militar Norte-Americana deu certo, infligiu várias perdas às organizações terroristas, dando perspectiva a partir de 2009, para uma desmobilização de tropas. Já havia um governo eleito desde 2006, porém com a saída das tropas ocupantes em 2011, sem ter conseguido criar uma situação de

estabilidade na região, a implementação de políticas que favoreciam os xiitas, subjugando a minoria sunita e a presença de militantes extremistas, oriundos da Al-Qaeda, Conselho Shura Mujahideen e o Estado Islâmico do Iraque, além de outros grupos insurgentes que professam o islamismo sunita, proporcionou o surgimento de um novo grupo em 2014, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL). O EIIL é uma mutação da Al-Qaeda que os EUA combatiam no Iraque, porém esta nova ameaça estava disposta conquista territorial e estabelecimento de um califado nas regiões de maioria sunita. Ao desafiar os EUA, terem grande envolvimento na guerra da Síria e sua habilidade propagandística, conseguiu cooptar muitos homens para suas fileiras. Jasper e Moreland (2014) no artigo *"The Islamic State is a Hybrid Threat: Why Does That Matter?"*, analisam as ações do EIIL e relacionam-nas com as seis características necessárias de uma ameaça híbrida. O estado islâmico tem a capacidade de empregar forças convencionais ao mesmo tempo que utiliza táticas irregulares, adaptando-se de modo a explorar as fraquezas do seu oponente. Essa capacidade tem sido demonstrada pelo uso de manobra e poder de fogo convencional e organização descentralizada, permitindo a captura de centros urbanos, estradas e território com interesse estratégico de forma rápida. Para além disso, o EIIL emprega armamento que varia desde meios aéreos não tripulados (UAV) para efetuar reconhecimento aéreo, *humvees*, artilharia, armas ligeiras, minas e mísseis terra-ar. Apresenta uma estrutura flexível e adaptável que permite integrar novas forças, obter apoios financeiros e capturar equipamento durante os seus deslocamentos. Também pratica atos de terrorismo de modo a subjugar as populações, sendo responsável por assassinatos em massa, destruição de aldeias, ícones culturais e centros religiosos, entre outras atrocidades. Utiliza os órgãos de comunicação social para planejar, recrutar, angariar fundos e divulgar a sua causa e obtêm as verbas necessárias para se auto financiar através de extorsão, de crime organizado e de venda ilícita de petróleo. Por fim, ao praticar os atos acima descritos, demonstrou total desprezo pela lei internacional (Jasper & Moreland, 2014).

2.2 INSTRUMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa bibliográfica, com o intuito de trazer amparo literário e documental a partir de materiais publicados em livros, artigos e dissertações relacionados ao tema. Também elegeu-se a pesquisa descritiva como método, onde buscou-se observar os acontecimentos relacionados ao assunto, descrevendo suas características e particularidades, relacionando-os ao conteúdo que foi levantado na pesquisa bibliográfica.

Com a finalidade de levantar a percepção de parcela intermediária do efetivo da Força, que desempenha as funções entre o comando e o escalão executante, foi elaborado um questionário, conforme anexo A, por meio da ferramenta *Google Docs,* disponibilizado no endereço eletrônico *https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfNIE3yBl1BbLj_G6sN0z7Z8dIifPf4iSZelB8O5cJ6TxeIMA/viewform?usp=sf_link* com o objetivo de verificar o conhecimento dos Cap aperfeiçoados do Exército Brasileiro a respeito das características dos conflitos de 4ª Geração, ou não lineares, e levantar, na perspectiva deles as formas mais evidentes que a Força Terrestre tem implementado seu preparo e emprego para atuação neste cenário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo é destinado a apresentação dos resultados obtidos por meio do questionário, respondido por aproximadamente 120 Capitães do Exército Brasileiro, demonstrando, o conhecimento desta parcela sobre o assunto e sua perspectiva quanto as formas mais evidentes que a Força Terrestre tem implementado seu preparo e emprego para atuação frente ao cenário complexo que se apresenta. Neste capítulo também serão apresentados os fundamentos, concepções e conceitos atuais da Doutrina Militar Terrestre que orientam a Força para o desenvolvimento das capacidades e competências necessárias ao seu emprego na era do conhecimento.

3.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, constatou-se que, 90,1% dos Capitães entrevistados afirmaram conhecer as características dos conflitos de 4ª Geração que dominam o campo de

batalha do século XXI. Neste quesito, foram apresentadas algumas alternativas destas características e solicitou-se que escolhessem as três que consideravam mais evidentes, sendo as mais votadas as seguintes:

- Exploração da opinião pública - 73%
- Ameaça misturada a população civil - 60%
- Ambiente volátil, incerto, complexo e ambíguo - 53%

Foi constatado também que 72,7% dos Capitães entrevistados entendem que a conjuntura interna do Brasil, particularmente quanto à segurança pública, caracteriza um conflito de 4ª geração interno e que o frequente emprego das Forças Armadas em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) se deve a isto. Tendo levantado este quesito, foi solicitado ao público entrevistado para citar as três ações que consideram mais evidentes, desenvolvidas pelo EB no intuito de fazer frente às ameaças presentes nos conflitos de 4ª Geração, sendo as mais votadas:

- Operações Interagências - 86,7%
- Operações de Informação - 60%
- Operações no amplo espectro - 46%

Dentro do questionário foi realizado um levantamento da quantidade de entrevistados que já haviam atuado em pelo menos uma Operação de GLO, sendo constatado que 72% já havia participado. Dentro destas respostas positivas, foi perguntado se, nas Operações que participaram, havia a presença de outros órgãos além das FFAA e dos Órgãos de Segurança Pública, tendo resposta positiva de 66%. Por fim, foi levantado quais órgãos, além dos citados, estavam presentes nas operações das quais os entrevistados atuaram, sendo os mais citados:

- Governo do estado - 47%
- Prefeitura municipal - 42%
- Concessionária de água, esgoto e energia elétrica - 15%
- Nenhum - 15%

3.2 CONJUNTURA NACIONAL

O Brasil, no contexto mundial, também é alvo das novas ameaças características dos conflitos não lineares. Como já observado, estas ameaças podem ser estatais ou não estatais, internas ou externas. É inegável que o Brasil possui, em seu portfólio de hipóteses de emprego, ameaças estatais, mesmo que pouco prováveis, não estatais, externas e internas. Como o objetivo do estudo era aprofundar-se nas ameaças não estatais e por questões de segurança da informação e contra inteligência, será abordada a principal ameaça à segurança nacional brasileira, que é interna, não estatal e evidente para a maioria dos cidadãos de bem, o crime organizado.

A origem do crime organizado no Brasil pode ser marcada no período dos governos militares, quando criminosos comuns passaram a conviver nas cadeias com os revolucionários da luta armada comunista da época, que então lhes passaram conhecimento sobre técnicas e táticas de guerrilha. Esse contato resultou com o surgimento de uma das maiores facções criminosas da história, o Comando Vermelho (CV). A partir daí, um conjunto de fatores permitiu que o crime se estabelecesse de forma poderosa na sociedade brasileira, consequência da interação de uma série de fatores de diferentes ordens, dentre as quais se destacam a pobreza generalizada, desemprego, leis brandas com impunidade evidente, forças policiais depreciadas, sistema político corrupto, ausência do Estado, abandono da população, sistema carcerário ineficiente, localização geográfica do país, cercado de produtores de drogas, dentre outros. Paralelo à ineficiência do Estado em combatê-lo, o crime organizado, criativo, empreendedor e flexível, aproveitou-se da globalização e da evolução tecnológica para se consolidar, tendo como principal fonte financeira o narcotráfico, atividade altamente lucrativa e com alta demanda em todo o globo. Com esse alto poder aquisitivo, uso da violência, intimidação, corrupção, relações clientelistas e controle territorial, consegue ramificar-se em vários setores da sociedade, sendo um inimigo muito difícil de ser derrotado.

Os números da violência no Brasil são aterrorizantes, superiores a estatísticas de homicídios por morte violenta de regiões conflagradas do globo. Para ilustrar esta afirmação, coletou-se dados no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2013 a 2016 o número de mortes violentas no país oscilou entre 28 e 30

a cada 100 mil habitantes. Em números absolutos, isso gira em torno de 60.000 mil pessoas assassinadas no Brasil por ano.

Aliado a esta péssima estatística vêm outras consequências geradas pela ascensão do crime organizado, dentre as quais podem ser destacadas o domínio de territórios e, por consequência, o controle social, decidem sobre horário de circulação de pessoas, toque de recolher, "impostos", fechamento de escolas e outros absurdos, fazendo com que o cidadão perca garantias e direitos fundamentais. Outra consequência a ser levada em consideração é o peso das organizações criminosas em períodos eleitorais. Quer seja por intimidação, fazendo com que a população vote em determinados candidatos ou partidos por mera coerção, quer seja pelo financiamento de campanha de candidatos e partidos aliciados, causando um dano gravíssimo ao país que entra num ciclo vicioso de corrupção, pobreza e ineficiência.

3.3 DOUTRINA MILITAR TERRESTRE BRASILEIRA

Este cenário de conflitos de alta complexidade, não linearidade, instabilidade, imprevisibilidade, heterogeneidade, mutabilidade e dinamismo requerem das forças armadas de um Estado, capacidades para que alcancem êxito nos campos de batalha do século XXI.

> A Doutrina Militar Terrestre (DMT) é o conjunto de valores, fundamentos, conceitos, concepções, táticas, técnicas, normas e procedimentos da F Ter, estabelecido com a finalidade de orientar a Força no preparo de seus meios, considerando o modo de emprego mais provável, em operações terrestres e conjuntas. A DMT estabelece um enquadramento comum para ser empregado por seus quadros como referência na solução de problemas militares. (EB20-MF-10.102, 2014, p. 1-2).

Nesse contexto, a Força Terrestre iniciou um Processo de Transformação do Exército na Era do Conhecimento, para alcançar a efetividade, baseia-se na permanente atualização, em função da evolução constante da natureza dos conflitos. Esta Força, além de ser dotada de armamentos e de equipamentos com tecnologia agregada, deve ser sustentada por uma doutrina em constante evolução, integrada por recursos humanos altamente treinados e motivados.

A atual DMT preconiza análise frente à situação a ser enfrentada, organiza-se em estruturas com as características de flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade, que permitem alcançar resultados decisivos nas situações de emprego. Reconhece as operações conjuntas como o princípio básico de atuação das FA, o que significa, entre outros aspectos, na necessidade de um profundo conhecimento das capacidades das forças aérea e naval. Tem como cerne as Operações no Amplo Espectro, combinando atitudes, simultânea ou sucessivamente, em operações ofensivas, defensivas e de apoio a órgãos governamentais, tudo isso em um ambiente conjunto e interagências e, por vezes, multinacional.

A partir deste entendimento, o Exército Brasileiro passou a constituir forças por meio do Planejamento Baseado em Capacidades (PBC), requerendo de suas organizações determinadas aptidões para que possam cumprir missões ou tarefas específicas. Essa estrutura modular permite que a força se organize da melhor forma frente ao problema militar, combinando vetores que se complementam, aumentando seu grau de efetividade. Neste entendimento, o Exército atinge uma prontidão operativa, com capacidade de emprego do poder militar de forma gradual, seletiva e proporcional à ameaça.

Outro entendimento que se tem hoje é que para alcançar a vitória, em qualquer cenário de conflito ou instabilidade, a força legal deverá trabalhar nas três dimensões do ambiente operacional, sendo elas a física, considerando o fator terreno e condições meteorológicas para as operações, a dimensão humana, que compreende os elementos relacionados às estruturas sociais, seus comportamentos e interesses, normalmente geradores do conflito, e por fim a dimensão informacional, que é o conjunto de indivíduos, organizações e sistemas no qual tomadores de decisão são utilizados para obter, produzir, difundir e atuar sobre a informação.

Assim, o Exército Brasileiro busca obter eficácia e efetividade organizacional, com capacidades que lhe permitam realizar Operações no Amplo Espectro. Essas capacidades ampliam a gama de alternativas disponíveis aos comandantes dos elementos da F Ter, possibilitando instrumentos adequados para emprego oportuno, com poder de combate efetivo e proporcional às ameaças. Este é o

requisito fundamental da F Ter da Era do Conhecimento que atua em um ambiente cada vez mais complexo e imprevisível, permeado por novos atores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode-se constatar ao longo deste trabalho, os conflitos armados estão em constante transformação, consequência do mundo volátil e complexo em que vivemos. As Forças Armadas de um país não podem ser instituições estanques, fora dessa conjuntura de constante atualização. As ameaças estão em compasso de transformação e os instrumentos legais do Estado não podem se deixar surpreender frente a elas.

No tocante às ameaças, abordando a questão particular brasileira, vemos o crime organizado tomar proporções nunca antes vistas, controlando amplos territórios, com seus chefes emitindo ordens de dentro de presídios. Por si só, o crime organizado apresenta uma ameaça à sociedade brasileira. Como principais consequências de suas ações temos o controle de territórios, controle social daqueles mais próximos, influência em eleições, gastos elevados com segurança pública e o principal, a influência do crime para as novas gerações, que, ao crescerem próximos à estas facções, perdem completamente o referencial de certo e errado, comprometendo a formação do caráter do ser humano, dano praticamente irreversível, gerando novos contingentes que incorporam dia após dia nestas organizações criminosas.

Aliado a isso, parcela da grande mídia, muitas vezes impregnada com ideais marxistas, tem como foco a cobertura de notícias polêmicas, exploram a violência para conquistar audiência e paralelo a isso fazem abordagens desfavoráveis às instituições legais que combatem o crime organizado, procurando desconstruir a imagem de legitimidade e autoridade que, principalmente, as forças de coerção têm. As instituições do Estado já saem em desvantagem em qualquer situação de emprego, tendo que provar a legalidade, proporcionalidade e legitimidade de suas ações, tornando o ambiente de emprego de forças policiais e armadas conturbado, influenciando sobremaneira a opinião pública. Isso acaba gerando desdobramentos também nas decisões do judiciário, emitindo sentenças desfavoráveis e severas a

agentes do Estado, porém aos criminosos restam decisões brandas e instrumentos legais permissivos, o que acaba minando a vontade de combater das Forças legais e gera desconfiança e descrédito por parte da sociedade em todo o sistema de justiça e segurança pública.

Dito isto, percebe-se que a dimensão informacional dos conflitos ganhou relevância no teatro de operações do século XXI, haja vista que, em uma sociedade cada vez mais influenciada pela informação, a percepção estabelecida como válida na mente da população - a narrativa dominante - pode ser considerada um ponto decisivo neste cenário. Nesse contexto, a percepção que a população tem da realidade é de suma importância, para isso, a Força Terrestre estabeleceu a norma de comunicar-se bem e comunicar-se primeiro. Essa comunicação determinará a narrativa dominante estabelecida, conquistando um dos Centros de Gravidade dos cenários de emprego na era do conhecimento, a opinião pública. O êxito nesta dimensão vai além disso, é capaz de desgastar a tomada de decisão de potenciais oponentes, degradando sua liberdade de ação, ao mesmo tempo protegendo nosso processo decisório, visando evitar, impedir ou neutralizar os efeitos das ações adversárias na dimensão informacional.

Para lidar com a complexidade dos desafios impostos pelas operações desencadeadas no atual ambiente operacional é necessário um esforço concertado de todos instrumentos do Poder Nacional, o que inclui forças militares, organizações governamentais (nacionais e estrangeiras) e agências civis (de governo ou não). A vitória contra essas ameaças contemporâneas dependerá dessa integração entre o vetor militar e as estruturas civis, confirmando o conceito atual de emprego da Força Terrestre que estabelece a condução de Operações no Amplo Espectro, ações que combinam atitudes ofensivas, defensivas e de apoio aos órgãos governamentais e internacionais. O Exército percebeu que, para prevenir ameaças, gerenciar crises e solucionar conflitos não basta apenas o emprego exclusivo das capacidades das Forças Militares ou de uma única agência, deve-se aproveitar as competências das organizações que permitam alcançar o Estado Final Desejado.

Este trabalho pôde concluir também que parcela significativa da amostra entrevistada de Oficiais intermediários do Exército Brasileiro têm conhecimento a

cerca dos Conflitos de 4ª geração, e em consequência, das características das ameaças que devem estar preparados para enfrentar, resultado da transformação da Doutrina Militar Terrestre que enfatiza a permanente atualização em função da constante evolução da natureza dos conflitos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mario L. A. Operações no amplo espectro: novo paradigma do espaço de batalha. **Doutrina Militar Terrestre em revista**, Brasília, DF, ed. 1, jan-mar 2013.

BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. EB20-MC-10.201: **Operações em Ambiente Interagências**. Brasília, DF, 2013.

_____. _____. _____. EB20-MC-10.213: **Operações de Informação**. Brasília, DF, 2013.

_____. _____. _____. EB20-MF-10.102: **Doutrina Militar Terrestre**. Brasília, DF, 2014.

Hammes, Thomas, "**Insurgency: Modern Warfare Evolves into a Fourth Generation**", Institute for National Strategic Studies (INSS), National Defense University (NDU), Washington D.C., January 2005.

PINHEIRO, Álvaro de Souza. **O Conflito de 4ª Geração e a evolução da Guerra Irregular**, PADECEME, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Carlos Alberto Pinto. **Guerra Assimétrica: adaptação para o êxito militar**, PADECEME, Rio de Janeiro, 2007.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular**: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história.2.ed.São Paulo: Contexto, 2009.

VISACRO, Alessandro. **A guerra na era da informação**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ANEXO A: Questionário

Questionário sobre conhecimento dos militares a respeito da natureza dos conflitos na atualidade

Pretendeu-se, por meio deste instrumento, verificar o conhecimento dos Cap aperfeiçoados do Exército Brasileiro a respeito das características dos conflitos de 4ª Geração, ou não lineares, e se estão cientes das formas que a Força Terrestre tem implementado seu preparo e emprego para atuação neste cenário.

Item 1: O Sr tem conhecimento das características dos conflitos de 4ª Geração que dominam o campo de batalha do século XXI?

Sim/Não

Item 2: Marque três características dos conflitos de 4ª Geração que o Sr considera como mais evidentes.

Presença de atores estatais e não estatais

Exploração da opinião pública

Guerra não declarada

Ameaça misturada à população civil

Conflito em nível político

Guerra total

Resolução do conflito no campo militar

Natureza do objetivo psicológica

Ambiente Volátil, Incerto, Complexo e Ambiguo (VICA)

Item 3: O Sr considera que a conjuntura interna do Brasil, particularmente quanto à segurança pública, caracteriza um conflito de 4ª geração?

Sim/Não

Item 4: O Sr considera que o frequente emprego das Forças Armadas em Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) se deve a esta conjuntura de conflito de 4ª Geração?

Sim/Não

Item 5: Marque três ações mais evidentes desenvolvidas pelo EB no intuito de fazer frente às ameaças presentes nos conflitos de 4ª Geração.

Operações Interagências

Estágio de Coordenação Civil-Militar

Preparo e emprego baseado em capacidades

Maior interação da Comunicação Social

Ênfase nas Considerações Civis

Operações no Amplo Espectro

Operações de Informação

Desenvolvimento de programas estratégicos (Guarani, Astros 2020, SISFRON, PROTEGER)

Item 6: O Sr já foi empregado em Op GLO?

Sim/Não

Item 7: Quais Op GLO participou?

Arcanjo

São Francisco

Capixaba

Potiguar

Intervenção Federal

Item 8: Estas Op GLO possuíam outros órgãos além das FFAA e dos Órgãos de Segurança Pública?

Sim/Não

Item 9: Marque quais órgãos.

Receita Federal

Defesa civil

ONG

Prefeitura municipal

Governo do estado

Concessionárias de água/esgoto e energia elétrica

Nenhum

ANEXO B: Solução prática

O presente trabalho teve como principais conclusões as que se seguem: primeiro que os conflitos da atualidade estão em constante transformação, exigindo das Forças Armadas de um país estarem em permanente atualização já que as ameaças tornam-se cada vez mais mutáveis. Outra conclusão que pôde-se obter é que o crime organizado é a principal ameaça que assola o Brasil na atualidade, causando prejuízos graves à sua sociedade. A terceira conclusão alcançada é que a dimensão informacional dos conflitos ganhou protagonismo nos últimos anos, em resumo, isso quer dizer que, a superioridade na expressão militar nos conflitos no século XXI não garante a vitória, as forças legais deverão explorar essa dimensão para estabelecerem a narrativa dominante e assim garantir a legitimidade de suas ações. Por fim, outro entendimento que esta pesquisa obteve é que as operações interagências mostram-se uma solução viável para que o Estado Brasileiro possa enfrentar as ameaças cada vez mais difusas e fluidas do século XXI.

Para corroborar com estas conclusões e visando amplificar as boas práticas da Força Terrestre em suas participações em Operações de Paz, Grandes Eventos, Garantia da Lei e da Ordem e Intervenção Federal em 2018, é importante que:

- Haja uma conscientização da população brasileira, atuação na Dimensão Humana utilizando a Dimensão Informacional, para que o poder Legislativo produza leis duras, principalmente contra o crime organizado, tráfico de drogas e armas e a corrupção.

- Os governos estaduais valorizem suas polícias (civil e militar), com capacitação, treinamento, amparo judicial, melhores salários, tudo isso buscando trazer melhores quadros e fortalecer a imagem da instituição polícia, trazendo maior confiança da população.

- Seja criada uma mentalidade de cooperação das instituições em suas diversas esferas, municipal, estadual e federal, com compartilhamento de informações, treinamento e emprego conjunto, aquisição de materiais similares, tudo isso visando otimizar os trabalhos em prol dos mesmos objetivos.

- É necessário que o Ministério da Defesa encabece uma iniciativa para desenvolvimento desta mentalidade interagências, inicialmente em um estado da federação que serviria de modelo, depois fixaria um prazo para que os demais estados se adequassem.

- É necessário que haja a participação de outros instrumentos do Estado além das Forças Armadas e Órgãos de Segurança Pública, para que ocorra o enfraquecimento do crime organizado no Brasil. Sabe-se que o braço armado destas facções tem homizio nas comunidades carentes dos diversos municípios, principalmente nas grandes cidades, devendo o Estado atuar nestes locais com o máximo de medidas buscando eliminar as condições de pobreza e marginalidade das pessoas que ali vivem, implementando políticas de ocupação ordenada, saneamento básico, educação, cultura, lazer e outros, diminuindo as variáveis que alimentam as facções criminosas, insatisfação, pobreza extrema, sentimento de exclusão da sociedade, ignorância e ocupação desordenada.